

Questão 1)

Na atual cena escolar brasileira, o ensino de literatura africana de língua portuguesa tornou-se obrigatório no nível Fundamental e Médio, promulgada a lei n.º 10.639, em 2003. De acordo com essa lei "os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura." - A partir disso, podemos ampliar a formação do sujeito leitor crítico, ao invés do mero leitor, tendo o discurso literário de outros países (como Angola, Moçambique, Cabo-verde, entre outros) como uma abertura do espaço escolar à pluralidade cultural-histórica e social.

Segundo Antônio Candido, a literatura é um direito do ser humano, é um fator indispensável de humanização, negar o direito à literatura "é privar o sujeito de exercer sua cidadania plenamente". O ensino de literatura africana possibilita conhecer, de alguma maneira, a matriz africana de nossa cultura e seus entrelaçamentos, sendo a literatura um importante agente na formação de consciência de mundo. No jogo identidade e alteridade, para Candido e nós, a literatura atua "como progresso no sentimento ao próximo".

Apesar da importância dessa literatura como parte do percurso de formação de leitores, muitas escolas brasileiras (públicas e particulares) enfrentam inúmeros desafios em sala de aula. Neste caso, por exemplo, a pouca disponibilidade de material didático sobre a temática, a <sup>para</sup> ~~ampliação~~ <sup>necessário</sup> do acervo das bibliotecas com livros de literatura africana, especialmente de língua portuguesa, e a estereotipagem dos paradidáticos, entre outras questões. Cabe dizer que a problemática insere-se no ensino de literatura como um todo que precisa ser repensado em seu valor e lugar na escola de Educação Básica, principalmente.

Narraschi aponta a diferença entre "exercício de compreensão" e "exercício de cópia" para pensar o ensino

de linguagens. Neste sentido, é necessário também trabalharmos em sala de aula a partir do texto integral, não apenas do fragmento literário, para que a compreensão do texto ocorra, o leitor produza sentidos ativos em seu papel ativo e descubra "o prazer do texto", como diz Barthes. Para tanto, atualmente, nos lançamos em duas verdades do ensino de literatura: a intertextualidade e interdisciplinaridade.

A intertextualidade entre literatura brasileira e africana de língua portuguesa se entrelaça pela identidade de países que sofreram processos semelhantes de construção: a colonização e independência. Raízes similares que retratam marcas identitárias para além das fronteiras geográficas ou linguísticas. Segundo Cunha, Brasil e África "são territórios marcados por uma profunda e complexa tensão entre elementos genuínos e elementos impostos pela colonização". Estudos <sup>essais</sup> relacionam construções nas estruturas linguísticas textuais, mesmo que tecidas em fios ficcionais, traduz de alguma maneira nossa constituição antropológica, como diz Oswald de Andrade.

O poema "Quito Negro", de José Craveirinha, por exemplo, nos lança à literatura e existência. Pode ser trabalhado, em sala de aula, intertextualmente, <sup>compreendendo</sup> com a representação da figura do negro em nosso poema como "Navio Negro", de Castro Alves. O entrelaçamento desses retratos lançam o discente-leitor, também co-autor, a repensar e se posicionar politicamente frente à realidade histórica de nosso país e também dos países do continente africano.

Derrida anuncia o "mal de arquivo", a questão política que orienta a escolha desses arquivos. Nesse sentido, podemos pensar o contato e o espaço aberto para a literatura de origem africana como um posicionamento crítico de resistência, valorizando vozes que antes eram esquecidas de

cont. questões 1)

nessa tradição literária conhecida como "clássica". A partir dessa inserção cultural-literária <sup>no</sup> ~~de~~ <sup>suavemente exolga</sup> de sua intertextualidade com a literatura brasileira, podemos realizar a "verdadeira revolução" que, segundo Nelly Novais Coelho, "se faz a nível da mente, do consócio de mundo que cada um vai construindo desde a infância, o caminho para se chegar a esse nível é a palavra ou melhor, a literatura - verdadeiro microcosmo da vida real, transfigurada em arte".

A analogia entre literatura e sociedade, como tem em obras como *Cândido*, pode ser abordada intertextualmente, no caso da literatura engajada africana, com autores do Modernismo brasileiro, por exemplo, o chamado "regionalismo" de Graciliano Ramos, Jorge Amado, Rachel de Queiroz, entre outros, em diálogo com vozes africanas como Jia Couto, Pepetela, Ondjaki, Otsobéne Correia, Didiot de Jelo, Luandino Vieira, etc. Dessa forma, como coloca Cunha "abrem-se horizontes éticos e estéticos".

A interdisciplinaridade também é um caminho possível com a literatura africana no espaço escolar, especialmente orientada pelo PCN de ensino de língua portuguesa. A luta pela independência, por exemplo, foi travada dentro e fora da linguagem - esse sentido, as disciplinas de história, geografia, sociologia e filosofia, podem discutir e construir esses sujeitos em processos históricos <sup>manifestada</sup> ~~na~~ <sup>de</sup> engajamento literário, reflexão crítica e ideologia estruturada no texto-discursos. Também pode-se realizar visitas a exposições culturais que abordem o tema, como "Ex-Africa", atualmente em cartaz no CBB-RJ; assim como a exibição de filmes que sejam adaptações literárias africanas.

Outra possibilidade de abertura à literatura africana no espaço escolar brasileiro é a <sup>para</sup> ~~contato~~ <sup>com</sup> ~~da~~ <sup>com</sup> ~~transmissão~~ <sup>com</sup> ~~outras~~

cont. questões

em contos de histórias, especialmente no nível fundamental. O projeto estético de Indjaki, por exemplo, atua com contos populares africanos como "Ynsari e a memine das troncos", publicado em 2000, pode ser apresentado aos discentes em modalidade oral, recuperando de alguma forma o caráter ancestral dos "griot", contadores de histórias africanos. O conto aborda a identidade do povo angolano e pode ser concebido tanto de forma intertextual, como interdisciplinar, no espaço escolar.

As propostas do ensino de literatura africana de língua portuguesa no atual cenário escolar brasileiro são possíveis, apesar dos desafios que a educação enfrenta, e é um ato democrático. Desta forma, como diz Falço, podemos realizar não apenas de uma "educação pela literatura, uma educação para literatura", na construção de sujeitos críticos, comprometidos com sua cidadania. Resistir ainda é preciso e o ensino de literatura africana nas escolas de ensino básico é uma forma de resistência.

Questão 02)

O objetivo do ensino de língua materna, segundo Theravaglia, "é desenvolver a competência comunicativa - levar o aluno ao conhecimento da instituição linguística e social que é a língua, ao conhecimento de como ela está constituída e de como funciona (forma e função)". Nesta perspectiva de interação com a linguagem, a literatura africana possibilita uma abertura à diversidade cultural-textual. Os gêneros textuais utilizados pelo discurso literário como conto, romance, poema, entre outros, ampliam o panorama de interação com a linguagem, sendo a literatura uma das formas de maior potencial desse processo.

O percurso de formação de discentes-leitores (mas não leitores) e também escritores perpassa o texto literário, mas como pretexto, mas como espaço preferente para o desenvolvimento das competências linguísticas. Para tanto, como aponta Theravaglia, podemos construir o ensino produtivo, tomando por base: a capacidade formativa, transformativa e qualificadora textual. No caso do conteúdo de estrutura e formação de palavras, por exemplo, relacionado à literatura africana de língua portuguesa, há um entrelaçamento linguístico nítido que pode ser pensado em sala de aula, num diálogo entre o ensino de língua e literatura, a partir da perspectiva do Theravaglia citada acima.

A relação entre texto e discurso, no âmbito da linguagem como lugares no qual se materializa uma ideologia e como a língua (em sua organicidade) organiza e estrutura efeitos de sentidos desejados para tal por seus interlocutores. A estrutura e formação das palavras também perpassa esse espaço de construção linguística, sendo a linguagem um fenômeno cultural, histórico, social. A escolha de determinados lexicos e estruturas de construção linguísticas, como

(cont. Questão 52)

uso de sufixos diminutivos ou prefixos de negação, por exemplo, causam efeitos de sentido diferentes em diálogo com o contexto no qual o texto se relaciona, ou melhor, interage.

A partir dessa perspectiva sociolinguística, podemos relacionar o ensino gramatical ao literário. No caso em questão, por exemplo, podemos trabalhar a obra africana "O pai das mil cores", de Octaviano Coutinho, publicada em 1980, em sua escolha linguística para construir a ideologia de luta de libertação, no jogo semântico-sintático que também permeia o nível morfológico da linguagem. Há também a relação com a "poesia visual" explorada nesta obra, com uma formatação de letras maiúsculas e minúsculas que produzem sentidos no texto.

A capacidade formativa, neste caso, possibilitará aos discentes produzir e compreender os sentidos abertos no texto. Para tanto, o estudo da forma das palavras, como diz a etimologia de morfologia, pode ser proposto como construtor de efeitos e ampliador de percepções / concepções sobre as palavras, unidade da linguagem verbal.

Além do uso de prefixos e sufixos que modificam o valor semântico do vocábulo, na produção textual autoral dos discentes, produzir novas escolhas lexicais a partir do conhecimento dessas formas das palavras.

No que diz respeito à estrutura das palavras, nas propostas de ensino afasta-se da classificação enciclopédica no propósito avaliativo, numa ênfase à "decoração acritica", assim como também afasta-se da "gramática da frase", no caso, "da palavra", sempre relacionando o texto com seu contexto de produção. Neste sentido, cabe propor as experiências da descrição das estruturas das palavras em seus morfemas (radical, vogal temática, desinências, etc), mas sob uma perspectiva de uso produ-

(cont. Questão 2)

tem tanto para a capacidade formativa da leitura quanto da escrita autoral. Da mesma maneira concebe-se o ensino de formação de palavras.

Em diálogo com a capacidade formativa, também há a transformativa que propõe modificar esse texto em outros gêneros <sup>textuais</sup> como resenha, resumo. No caso da obra de Octaviano Coelho, também pode-se propor um recorte com mudança de ponto de vista em que a escolha por palavras como sinônimas que tenham o mesmo radical causem um outro efeito de sentido no texto, entre outras propostas de intertextos. Também <sup>com</sup> a capacidade de qualificativa, a partir dessas atividades, possibilita a maior abertura do discente aos diversos gêneros textuais, dessa forma, o melhor reconhecimento dos mesmos.

Questão (3)

O texto literário, segundo Cândido, é um instrumento de conhecimento de mundo, do jogo da identidade e alteridade, de formação e desenvolvimento intelectual, moral, ideológico, estético e linguístico. A relação necessária entre literatura e realidade, apontada também por Coutinho, expressa a analogia entre o microsistema ficcional e o dado como "real". A estruturação da linguagem, <sup>em outros</sup> atua como base para que esse texto seja literário, em oposição ao denominado como "não-literário".

As fronteiras entre um texto literário e não-literário podem ser percebidas em determinadas constituintes do texto como, por exemplo, a plurissignificação da linguagem a partir do uso de conotação, como a metáfora e outras figuras de linguagem possibilitam, de forma que em "estavam todos dormindo/dormindo profundamente", de bandeira, os sentidos se multiplicam em uma leitura de valor de morte, no contexto da última estrofe do poema. Além disso, há o "estrambamento" com a linguagem, esse "transer o mundo", <sup>como</sup> diz Haroldo de Campos, que lança a linguagem em novas estruturas linguísticas, criando diversos efeitos semânticos, entre outros aspectos.

No caso da literatura africana, em uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental II, pode-se interagir com textos literários <sup>em português</sup> africanos e juvenis como As Aventuras de "N-gunga", de Lepetela, de 1973; "A Caixa", de Manuel Rui, de 1977; "Queres ouvir e ver contos" e "Quituba", de Dário de Melo, de 1988 e 1990, respectivamente; "Estórias velhas, sempre novas (contos)", de Gabriela Antunes, de 1988, entre outros.

Em diálogo com a <sup>memória de</sup> experiência estética da conotação de histórias, para o 6º ano, a narrativa "Quituba, a ter



cont. Questão 33)

da "do arco-íris", de Dario Felo, proporciona melhor con-  
tato com a tradição oral. A narrativa em partes se baseia  
em uma lenda africana que conta: "as crianças novas que  
conseguirem descobrir o princípio do arco-íris encon-  
trarão novos pais". Podemos pensar nas metáforas do  
"princípio do arco-íris", assim como uma alegoria de "pais"  
ao processo de independência do país Angola, "origens" da  
lenda.

Além da abertura à plurissignificação da lin-  
guagem literária em suas construções de imagens a partir de  
seleção e organização do texto, também trabalha o caráter  
circular e oral das narrativas em gênero textual lenda bra-  
sileira, tomando por base o estudo de Câmara Cas-  
telo, assim como as lendas narradas oralmente ao longo da  
formação dos discentes, numa perspectiva de intertextualidade.

A partir das perguntas de propostas expostas ac-  
ima, podemos construir a aula em três momentos:  
pré-textuais, textuais e pós-textuais, segundo Cunha. Num  
primeiro momento pré-textual, perguntas que insti-  
quem a leitura como sobre o título "Quilubô, a torva do  
arco-íris" os discentes que a narrativa  
conta, mostra ilustrações em seu caráter verbo-visual, no  
que diz respeito à capa do livro. Realizar a contação de história.

No momento, as atividades textuais nos lançam  
a interpretar a estrutura linguística e seus efeitos de sentido em  
diálogo com a lenda narrada. Cabe a essas atividades  
o desenvolvimento das competências de leitura dos elementos  
constituintes do texto narrativo de gênero textual lenda (perso-  
nagens, tempo, espaço, enredo, etc), assim como o entrela-  
çamento deste texto literário às características de plurissigni-  
ficção da linguagem, estrebamento, relações com a sociedade, etc.

cont. Questões 3)

No 3º momento, pós-textual, pode-se propor atividades de caráter "transformadores", como diz Traugott, em que o texto literário seja reelaborado num gênero textual noticioso, sendo a linguagem retextualizada para um novo contexto discursivo que pretenda-se mais objetivo, denominado como "texto não literário". Após a atividade de produção textual, os discentes podem confrontar os textos literário de Dário de Felo e seus textos não-literários das notícias sobre a mesma temática, ou melhor, a partir do mesmo enredo. O debate pode proporcionar a percepção das características dos elementos constituintes de cada texto, entre outros aspectos.

Além disso, como atividade pós-textual, pode-se trabalhar o caráter intertextual das lendas africanas e brasileiras, comentado anteriormente; assim como a presença da tradição oral na literatura desde a Antiguidade Clássica. Cabe dizer que, como se trata do 6º ano, essa apresentação intertextual pode ser proposta a partir de adaptações de qualidade, a depender do texto comentado. Outra proposta que pode ser realizada é a rede de narradores, os discentes em roda com suas lendas urbanas orais que conhecem para dialogar com o texto estudado.

Desta forma, a formação do leitor-escritor perpassa em sua base, a interação com o texto literário, tendo um papel ativo. Como diz Freire, "não é simplesmente reagir ao texto, mas agir sobre o texto." A partir desse processo, há também o caráter formativo da literatura em sua emancipação do sujeito pela consciência de identidade e alteridade, consciência de mundo que, como Coelho defende, seria a verdadeira produção. A literatura como agente dessa educação para autonomia crítica, como diz Freire. É o ensino

Cont. Questões 3)

de literatura africana de língua portuguesa. <sup>como</sup> parte desse processo de um leitor humanizado, diante do mundo capitalista cada vez mais "agressivo", especialmente para os países considerados como de 3° mundo. O direito à literatura africana, assim como outros textos literários, no ensino básico, terá outro "textum" de sujeitos conscientes e críticos, sendo a escola o espaço privilegiado para essa descoberta política e estética do "prazer do texto".